

## **Discurso de Saudação Laudatória ao Professor Doutor Hilton Seda em sua posse como Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina\***

*pelo*

Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro  
12 de setembro de 2019

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Nacional de Medicina  
Acadêmico Jorge Alberto Costa e Silva  
Exmo. Senhor Secretário Geral da Academia Nacional de Medicina  
Acadêmico José Galvão Alves  
Excelentíssimo Senhor 1º Secretário da Academia Nacional de Medicina  
Acadêmico José Galvão Alves  
Excelentíssimo Senhor Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina  
Professor Meer Gurfinkel  
Excelentíssimo Senhor Diretor da Faculdade de Medicina de Petrópolis  
Professor Paulo Cesar Guimarães  
Exmo. Senhoras e Senhores Acadêmicos  
Senhoras e Senhores convidados

Meu muito querido amigo Hilton Seda, é uma enorme honra lhe saudar !

Apreendi com o Acadêmico Francisco Sampaio, Presidente desta Casa no biênio 2015-2017, que a mais honrosa tarefa de um Acadêmico - depois do ingresso nesta egrégia Congregação - e excluindo-se a possibilidade de dela se tornar o Presidente - é receber e saudar um novo membro. Faço isso, portanto, com o peito em júbilo, pela honra da tarefa e, por ser o recipiendário um amigo tão antigo quanto querido. Foi, de fato, no início dos anos 80, que fui ter à sua casa como conviva<sup>1</sup>, levado por Sylvio Celso Gonçalves da Costa, Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz que conhecera em Paris ainda Doutorando em Biologia Humana.

Hilton Seda nasceu no Rio de Janeiro em 3 de setembro de 1925, filho de Braz Seda, marceneiro e depois industrial, brasileiro de família italiana e de Maria Ferreira Seda, brasileira, filha de português. Seda fez o curso primário na Escola Pública Estados Unidos e o Ginásio e científico no Colégio de São Bento. Seda conta a todos que seu pai lhe dava grandes regalias. Além de estudar no melhor colégio do Brasil, era sócio do Fluminense Futebol Clube, que oferecia, naquela época, grandes programas sociais, incluindo concertos sinfônicos com orquestras e regentes da maior expressão, influenciando o grande amor de Seda pela música clássica. Há quem confunda essa história com uma possível identidade de Hilton Seda como torcedor do Fluminense, para grande desconforto de seu filho, Antônio Carlos Seda, reumatólogo e flamenguista doente: - "Meu pai nunca foi Fluminense... era América até o Clube acabar ! Depois virou Flamengo... graças a Deus !

Enquanto cursava o terceiro ano científico (sua geração foi a primeira a cursá-lo no S. Bento), Seda perdeu o pai, que adoeceu gravemente e faleceu, em 1944. Mas Seda seria aprovado no ano seguinte no primeiro exame vestibular

---

<sup>1</sup> Foi a única vez em que tomei um vinho do Porto Vintage de mais de 100 anos.

para a Faculdade Nacional de Medicina, sem a ajuda de qualquer curso paralelo. O concurso fora tão difícil que uma nova prova teve que ser feita para preenchimento das vagas. Com a morte do pai, sua mãe e Seda, filho único, ficaram em grandes dificuldades, mas Seda conseguiria um trabalho de vendedor e propagandista de laboratório farmacêutico. O pessoal do Laboratório o chamava de doutor, mesmo não sabendo do seu duplo perfil de Seda. Como pretendia ser cardiologista, foi estagiar no Instituto Estadual de Cardiologia. Havia, semanalmente, reuniões científicas e, em uma das quais foi apresentador, disse que a causa da cardiopatia da paciente era reumatismo. Foi contestado... aprendeu, naquele momento, “que havia vários tipos de reumatismo” e, resolvido a conhecê-los, comprou o livro Copeman *Textbook of Rheumatology*, famoso à época, que tratava do assunto de modo amplo. Todos sabem no que deu...

Ao mesmo tempo, Seda soube que Pedro da Silva Nava<sup>2</sup> criara o primeiro ambulatório público para reumáticos do País, na Policlínica Geral do Rio de Janeiro<sup>3</sup> e, por intermédio de Ayrthon Ferreira da Costa, conseguira ingressar no Serviço e, depois que Nava deixou a chefia, assumiu-a em 1975, mantendo-a até 2007. Também houve, na Clínica Médica do Hospital do Andaraí, chefiada por Meer Gurfinkel<sup>4</sup>, um setor de Reumatologia que contava com leitos para internação. Acolhido por Meer, Seda ministrava o seu Curso de Especialização em Reumatologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) nesses dois Serviços, tornando-se Professor Titular da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio em 1969. Em 2007 Seda é alçado à posição de Professor Emérito da PUC e o Curso, que havia diplomado até então 105 especialistas e permanece inativo até 2015, é retomado por Washington Bianchi, que cuida dele até hoje. Em 2008 Seda recebe o título de Professor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Paraíba. Também foi Professor Titular de Patologia Geral e de Reumatologia da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro (ABBR) e um dos fundadores da Academia Brasileira de Reumatologia em 1981. Relewa assinalar sua enorme contribuição literária para as Revistas Brasileira de Reumatologia e da Sociedade de Reumatologia do Rio de Janeiro.

Não é difícil falar de Hilton Seda, decano da Reumatologia Brasileira. Para simplificar ao extremo eu poderia me apossar das palavras de Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro, sobrinho de Pedro Nava e ex-aluno de Seda. Sobre o Mestre, Joaquim disse: - “*Reumatologista Hilton Seda* é pleonasma, posto que o Professor personifica em nosso País a própria reumatologia!”

Para Joaquim você é aquele que deu continuidade à escola de Pedro Nava na PGRJ, tornando-se grande incentivador e mola propulsora da formação de uma legião de reumatologistas.

Seda, para saber o que pensam de você, como colega e chefe, os seus pares mais jovens, fui ouvir alguns deles. Lamento não ter grandes novidades a lhe apresentar... também são seus admiradores. Ofereceram-me sobre você testemunhos

---

<sup>2</sup> Acadêmico desta Casa de 1957 a 1984, na cadeira no 6, hoje ocupada pela Acadêmica Monica Gadelha.

<sup>3</sup> Hoje presidida pelo Acadêmico Omar Lupi da Rosa Santos, cadeira 57.

<sup>4</sup> Membro Honorário desta Casa.

honoríficos: Joaquim Nava disse-me que reconhecia em você um Chefe exigente e atuante nas obrigações dos alunos. Contou-me que foi nessa época que percebeu o seu interesse pela história da medicina, particularmente da Reumatologia brasileira... e que foi através de seus apontamentos que gerações mais jovens de reumatologistas tomaram conhecimento da publicação primordial de João Vicente Torres Homem, no século XIX, “Lições de Clínica médica” com os capítulos “Rheumatismo visceral” e “Rheumatismo articular” e que o Professor Waldemar Berardinelli<sup>5</sup> fora o primeiro Presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia, fundada em 1949, na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, pelos médicos Herrera Ramos, Waldemar Bianchi, Pedro Nava, Israel Bonomo, Décio Olinto e outros. Estávamos a um ano de sua graduação como médico.

Seda, talvez seja mais do que uma feliz coincidência o médico e o tema de estudo agraciados com o Prêmio Nobel em Fisiologia ou Medicina em 1950, ano de sua formatura. O fato foi narrado por Washington Bianchi, filho de seu colega, amigo e personagem fundamental para a criação da SBR (1949) e de sua Revista (1957) e da Academia Brasileira de Reumatologia (1981); Waldemar Bianchi, Chefe do Serviço de Reumatologia do Hospital Geral da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro até 2006. Washington narra: - “Meu pai voltava de um período de três anos de treinamento em Reumatologia na *Mayo Clinic*, Rochester, Minnesota, onde convivera com os Professores Howard Polley, Philip S. Hench, primeiros médicos a utilizar a cortisona em uma paciente com Artrite Reumatoide. Foi Hench o agraciado com o Prêmio Nobel de 1950, após a publicação<sup>6</sup> (em 1949) em que descreveu a dramática melhora da referida paciente com a droga.

Fui ouvir Washington, Chefe do serviço de Reumatologia e Fisiatria da Santa Casa da Misericórdia (em substituição ao seu pai) que me contou do carinho e cuidado dele e de seus colegas mais jovens com você, que permanece frequentador habitual das reuniões do Clube do Reumatismo, onde ele e alguns outros fazem questão de lhe levar ou acompanhá-lo de volta em casa, amiúde. Falou-me das lembranças de menino que tem. Havia reuniões de um grupo de estudiosos da reumatologia que incluía Israel Bonomo, Jacques Houli, Waldemar Bianchi e outros e que acontecia, em rodízio, na casa de um dos integrantes da confraria e onde os médicos iam com as esposas, que confabulavam enquanto eles estudavam. Ele lembra particularmente das ocorridas na casa dos Bianchi e do seu cumprimento carinhoso às crianças e a ternura da “Tia Lea”. Ele também lhe chamava de “Tio Seda”. Joaquim Nava me contou que também conheceu você antes de entrar no metiê, na casa de seu tio Pedro Nava, com quem você também se reunia para estudar.

Ouvi também minha doce e inspirada prima Francinne Machado Ribeiro (você me perdoará por esse “aparentamento” súbito, mas, meu irmão, historiador, diz que todos os *Ribeiro* no Brasil são parentes). Francinne, Doutora em Medicina pela UFF, é Coordenadora da Enfermaria de Reumato do HUPE da UERJ. Indagada sobre que

---

<sup>5</sup> Acadêmico desta Casa, de 1943 a 1956, na cadeira 19, hoje ocupada pelo Acadêmico Natalino Salgado Filho; Waldemar Berardinelli foi tio de Affonso Berardinelli Tarantino, também Acadêmico desta Casa, de 1977 a 2014, na cadeira 10, hoje ocupada pelo Acadêmico Carlos Eduardo Brandão Mello. Sobre Waldemar, há algo pessoal que eu gostaria de registrar. A julgar pela idade com que fui apresentado por meus pais com livros sobre medicina, foi bem cedo a escolha de minha profissão. Minha mãe me oferecia livros sobre grandes médicos e cirurgiões ou a relação médico-paciente e meu pai os sobre ciência. Guardei-os encadernados com lombada em couro. Recebi o primeiro deles em jan. de 1960, eu tinha sete anos, escrito por Waldemar Berardinelli “Medicina e médicos”, em 1956.

<sup>6</sup> Hench OS (1949). *Potential reversibility of Rheumatoid Arthritis*. Ann Rheum Dis. 8(2): 90-6.

lembranças marcantes tinha da relação com você, ela narrou-me uma experiência vivida na posse dela como Presidente da SRRJ em 2010. Contou que foi só ao final do discurso, que fez, diante de colegas, amigos e familiares, quando leu o pedacinho destinado aos filhos Felipe e Lucas, que se emocionou. Ao fim da fala, Francinne reganha o seu lugar na mesa e, quando você, que presidia a Assembleia e a mesa, reinicia a sua fala, ela percebe que o elegante e sereno Hilton Seda derramara uma lágrima solidária e orgulhosa, junto com as dela. Para expor a segunda lembrança, ela evocou, em seguida o seu conhecido amor pela história de medicina, e a série de artigos sobre a “Reumatologia e a arte” que você publicou na Revista da SRRJ, dedicando cada um deles a um dos seus colegas mais jovens. Aí me enviou o 1º artigo da série, publicado em 2013, dedicado à... Francinne Ribeiro.

Também a Sueli Carneiro, Professora Titular da UERJ e Colaboradora da UFRJ e Doutora em Medicina de expressiva carreira científica, conversou comigo, com toda a boa vontade e entusiasmo do mundo quando soube que eu buscava um depoimento sobre você, querido também dela. Ela descreve a sua presença elegante e muito educada no Clube do Reumatismo, onde nunca deixou de ir. Seu interesse e humildade comum aos Grandes, sempre demonstrada no interesse permanente em aprender e no trato respeitoso de todos os colegas. Seda, não há fórmula mágica para os longevos evitarem vivenciar a perda de entes e amigos queridos. Quando chegou para você o pior desses momentos, você se abrigou no silêncio doloroso do seu recato sentido e pediu para ser poupado da obrigação de produzir as crônicas inspiradoras que nos delicias e informam a todos e ajudam a moldar a cultura e doçura que devem ter os médicos que, como você, falam à alma dos pacientes. Sueli era Editora da Revista da SRRJ e se assustou diante dessa horrível possibilidade. Rogou que você não parasse de publicar... explicou o quanto a sua contribuição era apreciada pelos colegas e pelos jovens. Ela me disse que, mais do que encantada e grata, ficou impressionada com a sua força ao aceitar continuar ajudando a Revista. Descreveu-me, quase que com encantamento, as suas gentileza e alegria no trato com todos; das reuniões aos encontros em aeroportos e hotéis em viagens para Congressos, e seu orgulho em perceber as conquistas e o crescimento profissional de seus jovens colegas, que você elogia e incentiva permanentemente.

Lembro-me<sup>7</sup> do Geraldo Castelar pai e fui ouvir Geraldo da Rocha Castelar Pinheiro, que se tornou reumatologista clínico de também considerável produção científica. Doutor em Reumatologia pela Escola Paulista, ele Presidiu a SBR de 2010 a 2102 e

---

<sup>7</sup> O Acadêmico Omar da Rosa Santos (cadeira 17) e alguns dos Senhores sabem que fiz meus internato e 7º ano no Serviço de Clínica Médica e Reumatologia do Professor Jacques Houli (pai da saudosa Sarita, colega de turma e amiga) na 8ª Enfermaria do Hospital de Clínicas Gaffrée Guinle da UniRio, e pensava que dedicaria a minha vida profissional à Reumatologia. Assim, frequentei muitas das Reuniões da SBR e da SRRJ e conheci vários dos Reumatologistas citados aqui. Duas coisas marcaram o jovem e curioso Interno e Residente que eu era: que cada um dos já grandes “Reumatos” do RJ tinha um tema de interesse e maior expertise (Sueli Carneiro me ajudou a lembrá-los: Bianchi - fisioterapia, Bonomo e Houli - artrite reumatoide, Castelar - gota, N Leite - espondilartrite, Seda - osteoartrite, Verztman – vasculites... ); e o amor do G Castelar pela poesia... Como eu diria nos anos 90 a José Rodrigues Coura, meu primeiro Diretor no Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), depois amigo e confrade nesta Casa (cadeira 11), eu me estava preparando para ser Reumatologista, mas minha ida para a França estudar Medicina Tropical em 1977 mudou meus planos. Ainda assim; eu defenderia a minha tese de Doutorado em Biologia Humana (Seção Imunologia) em “Autoimunidade e imunossupressão na malária”. Por sua vez, Coura me confidenciaria em resposta: - “Isso acontece... eu também vinha me preparando para ser um cardiologista e algo deu errado, e me tornei um tropicalista”.

é Professor Titular de Reumatologia da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ. Geraldo também me falou de você com enorme carinho, mencionando a sua proximidade com o pai dele, que se foi cedo, e o hábito que adquiriu de acompanhar você em cursos e Congressos, alojando-se repetidas vezes em quartos contíguos aos seus. Também me falou de sua postura humilde que motiva o seu desejo permanente de aprender.

Ainda ouvi Ana Cristina Maia Anecchini Guimarães; reumatologista há 38 anos, que acompanhou todas as reuniões de quarta-feira na PGRJ até a sua saída do Serviço. Pedi a ela: - Conta-me algo que você tenha vivido com o Seda, pitoresco, engraçado, triste que seja, mas importante... impressionante. Foi quando ela me atalhou: - "Impressionante é ele ! Um aluno dele não precisava ir a Congressos se assistisse as reuniões que ele organizava. Estávamos diante de um Professor que raciocinava, que tinha antevisão (não era só saber, ele antevia... ), era um cientista conhecedor profundo da literatura, que ligava uma publicação recente à outra de anos atrás, um homem entendido de medicina, doenças reumatológicas, história, arte, pinturas, que pinta.. ele transcende. Um homem sem arrogância nenhuma. Ele transmite as coisas com a simplicidade de quem entende delas... um pai dedicadíssimo e um marido devotado à Lea. Ele formou gerações inteiras e, certamente por isso, foi o Presidente de Honra do último Congresso da SBR no RJ".

Querido amigo Seda, eu poderia falar mais e de mais gente, mas sei que acabaria sendo repetitivo nas virtudes que todos reconhecem em você. Opto por pôr fim a essa saudação, certamente renovando minhas declarações de carinho e reconhecimento pelo desvelo com o qual sempre tratou minha família e a mim, mas também e sobretudo manifestando minha admiração por sua carreira profissional exemplar e inspiradora, sua figura de médico atento e sua pessoa elegante e gentil de cujo convívio essa Casa se beneficiará daqui para frente.

Senhor Presidente, Acadêmicas, Acadêmicos, Senhoras, Senhores; o homem que se junta a nós hoje como Membro Honorário da ANM lecionou mais de 70 cursos, publicou cerca de 400 trabalhos, no Brasil e no Exterior, incluindo cerca de 30 capítulos de livros, e escreveu 10 livros. Ele foi casado com Léa Mendes Tavares por 64 anos e teve dois filhos: Antônio Carlos e Marina Lúcia, professora, falecida em 2017.

Evoco, por fim, a saudação que Omar da Rosa Santos gosta de fazer e ouvi, pela primeira vez, proferida por meu amigo Acadêmico Presidente Francisco Sampaio, que a ouviu de Omar;

**Sede bem vindo à Grei !**

Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

---

\* As Notas de fim de página não foram lidas no discurso.